

TÁ SERTO! SÓ QUE NÃO... ARGUMENTAÇÃO, ENUNCIÇÃO, INTERDISCURSO

TÁ SERTO! SÓ QUE NÃO... ARGUMENTATION, ENUNCIATION, INTERDISCOURSE

*Mônica Zoppi-Fontana**

Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil

*Sheila Elias de Oliveira***

Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil

Resumo: Neste artigo abordamos a relação entre discurso, enunciação e argumentação. Tomamos a argumentação como fato de linguagem com diferentes modos de inscrição na língua, na enunciação e no interdiscurso. Como tal, ela permite observar o funcionamento do político na linguagem: as divisões das línguas e dos falantes em relação aos direitos ao dizer, aos modos de dizer e às posições ideológicas (interdiscursivas) que os determinam como base de constituição das relações argumentativas. Especificamente, observamos o funcionamento da argumentação em um fato de enunciação: a *delocutividade*, que implica retomadas do dizer, produzindo novas formas linguísticas a partir da relação de enunciação. Analisamos duas interjeições delocutivas, *Tá serto* e *Só que não*. Ambas as formas encontram sua origem nas enunciações digitais no Brasil e sua materialidade está ligada intrinsecamente ao modo de produção e circulação da escrita no ambiente digital. Enquanto formas da língua, elas são afetadas pelos processos que participam da construção do léxico e de regularidades do sistema linguístico. A deriva das formas completas *tá serto*, *só que não*, para as formas abreviadas e seu uso como *hashtags* #serto, #sqn, são um traço do processo de estabilização destas formas na língua, por efeito da delocutividade enunciativa, que as incorpora às regularidades do sistema como *indicadores de um modo de dizer irônico*, aproximando-se no seu valor semântico-enunciativo a outros marcadores de modalização.

Palavras-chave: Enunciação, Argumentação, Delocutividade, Modalização, Discurso digital.

Abstract: In this article we discuss the relationship between discourse, enunciation and argumentation. We take argumentation as a language fact with different modes of inscription in the language system, as well as in enunciation and in interdiscourse. As such, it allows us to observe the functioning of the political element in language: the divisions in the language systems and between speakers for the rights to say, the ways of speaking and the ideological (interdiscursive) positions that determine the speakers, acting as the basis of argumentative relations. Specifically, we observe the operation of argumentation in an enunciative fact: 'delocutivity', which implies the returns of saying, and produces new linguistic forms of enunciation. We analyzed two delocutive interjections: 'tá Serto' and 'só que não'.

* Doutora da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas, SP, Brasil; monzoppi@gmail.com

** Doutora da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas, SP, Brasil; sheilaeliasdeoliveira@gmail.com

Both forms find their origin in digital enunciations in Brazil and their material character is intrinsically linked to their mode of production and circulation in the digital environment. As language forms, they are affected by processes that participate in the construction of the lexicon and incorporate them to the regularities of the linguistic system by an effect of delocutive enunciation as signs of an ironic mode of speech and connect their semantic-enunciative value to other modalisation markers.

Keywords: *Enunciation; Argumentation; Delocutivity; Modalization: Digital Speech.*

Keep calm and carry on!

Introdução

A argumentação é um desses fatos de linguagem tão presentes no nosso dia a dia que nem sempre nos damos conta de sua força. Está nas mais diversas relações cotidianas: entre amigos, familiares, desconhecidos que se encontram em uma fila de espera, no agendamento de uma consulta médica, na discussão sobre uma nota com um professor, ou mesmo em situações mais enquadradas em um funcionamento regrado, como um julgamento no tribunal do Júri.

Em geral, pensamos na argumentação como o que se dá em resposta ou continuação a uma enunciação anterior presente na interlocução. Não é o caso deste enunciado-epígrafe que tem se repetido no Brasil, como em diferentes países, majoritariamente em inglês, e que parte de uma formulação vinda de outro espaço-tempo, a Inglaterra durante a Segunda Guerra Mundial, quando foi produzido sob a forma de cartaz junto a outros criados pela Coroa Britânica com o objetivo de levantar o moral da população. *'Keep calm and carry on!'*, especificamente, foi feito para circular no momento de uma invasão alemã que não aconteceu, não tendo sido, por esta razão, publicado na época¹.

¹ Disponível para leitura em: <<http://www.keepcalmandcarryon.com/history>>. Acesso em: 28 agosto 2016.



Figura 1²

Ele se torna conhecido sessenta anos depois do fim da Segunda Guerra, quando algumas cópias do cartaz são encontradas, e começa a circular rapidamente no espaço de enunciação do inglês como língua da globalização. Este enunciado, em seu modo de circulação globalizado, implica que o mundo em que vivemos nos tira a calma. E a força de sua circulação indica que ele responde a um imaginário dominante sobre a vida em nossas sociedades globalizadas. A argumentação não se dá, portanto, somente em relação a um enunciado anterior presente na interlocução. Ela se dá na relação com a memória do dizer, o interdiscurso, no qual se inscrevem as divisões ideológicas presentes na sociedade. E a língua, como afirma Ducrot (1969) apresenta formas que marcam essas divisões. Neste caso, pelo modo imperativo do verbo, que inscreve o dissenso, já que onde se tem que ordenar, pedir, aconselhar, não há consenso; é porque se pode considerar a legitimidade de perder a calma que é possível dizer *Keep calm!*.

Por outro lado, entre sua formulação inicial e sua circulação atual, este enunciado inscreve o dissenso, o conflito de sentidos, de modos diferentes. No início, o enunciado-confortador se dirige aos cidadãos enquanto parte de um povo que deve esperar por melhores condições futuras asseguradas (ou prometidas) pelo Estado; em sua circulação atual, ele se dirige a indivíduos tomados em sua psicologia, que devem reunir suas forças internas, *keep calm and carry on!* O discurso pátrio do

² Disponível em: <http://www.keepcalmandcarryon.com/history>. Acesso em: 28 agosto 2016.

cartaz inicial, marcado imagetivamente pelo desenho da Coroa Britânica (figura 1), desliza para um discurso psicológico-pragmático sob a forma de conselho. Podemos considerar o modo como esta mudança de cena enunciativa e de inscrição no interdiscurso mobiliza diferentemente a língua na frase, nos diferentes funcionamentos da conjunção *and* (*e*) enquanto operador argumentativo³.

Na sua formulação inicial, de enunciado-confortador da Coroa Inglesa, podemos interpretá-lo a partir do paralelismo entre *keep calm* e *carry on*. *And*, nesse caso, se projeta como somando dois imperativos que indicariam ações concomitantes, produzindo um efeito de igualdade entre as partes ligadas, efeito este que faz com a gramática tradicionalmente o classifique como conjunção aditiva. Já no seu modo de circulação atual, como enunciado-conselho, *and* faz funcionar em sua interpretação uma diferença, uma discrepância entre o que o antecede (*keep calm*) e o que segue (*carry on!*⁴). É como se o conselho fosse: se você conseguir '*keep calm*' (se manter calmo), vai conseguir '*carry on*' (seguir adiante). *And* faz aparecer, nesse caso, uma relação condicional, em que um imperativo aparece como necessário para que o segundo se manifeste, como resultado da ação primeira, e não mais em relação de concomitância.

O funcionamento deste enunciado ilustra a relação que abordaremos aqui, entre discurso, enunciação e argumentação. Tomamos a argumentação como fato de linguagem com diferentes modos de inscrição na língua, na enunciação e no

³ Ducrot (1989, p. 18-19) define o *operador argumentativo* como um morfema que, pela sua introdução em uma construção sintática, transforma seu valor argumentativo, de modo que entre a formulação anterior e aquela acrescida do morfema, há "valores argumentativos nitidamente diferentes", sem que esta diferença possa ser derivada de uma "diferença factual entre as informações fornecidas". Nos termos de Ducrot, pensaríamos como a presença do *and* produz um valor argumentativo diferente a partir da hipótese da justaposição entre *keep calm* e *carry on* como construção sintática anterior. Não partimos, no entanto, da construção sem conjunção (justaposta) como forma básica, mas como uma forma entre outras em que diferentes mecanismos argumentativos podem produzir efeitos; neste sentido, consideramos que a justaposição poderia ser submetida ela mesma a efeitos tipográficos, como ausência ou presença de sinais de pontuação, destaque de tipos de letra, entre outros. Mostraremos aqui a particularidade da presença do operador *and* como produtor de dois diferentes valores argumentativos, a partir das *cenas enunciativas* em que o enunciado se inscreve, e de seu modo de filiação no *interdiscurso*, entre sua produção inicial e sua circulação atual.

⁴ A força desta discrepância é tal que mesmo a exclamação parece ter como escopo, neste segundo caso, não mais o enunciado como um todo, mas a sua segunda parte: *carry on!*

interdiscurso. Como tal, ela permite observar o funcionamento do político na linguagem: as divisões das línguas e dos falantes em relação aos direitos ao dizer, aos modos de dizer e às posições ideológicas (interdiscursivas) que os determinam como base de constituição das relações argumentativas.

Observaremos o funcionamento da argumentação em um fato de enunciação: a *delocutividade*, que também implica retomadas do dizer, mas, neste caso, produzindo novas formas, a partir da relação de enunciação. Refletiremos sobre interjeições delocutivas como formas argumentativas. Para tratar a delocutividade, partiremos do modo como foi abordada por Benveniste (1958), que chama atenção para a formação de certos verbos, chamados *delocutivos*, por um processo que não é o de uma derivação morfossintática composicional. Por exemplo: diferentemente de *canalizar*, em que o sufixo *-izar* significaria *fazer*, tendo como objeto a base *canal*, donde o sentido composicional *fazer canal*, *parabenizar*, verbo delocutivo, partiria de uma locução – *Parabéns!* – com tal força enunciativa que daria existência ao verbo, que significa “cumprimentar dizendo *Parabéns!*”, ou seja, o processo enunciativo teria dado origem a *parabenizar*, que não viria, portanto, de *fazer parabéns*, mas de ‘*dizer ‘Parabéns!’*’.

Apresentaremos, então, as bases teórico-metodológicas para esta reflexão, estabelecidas no diálogo entre a Semântica da Enunciação e a Análise de Discurso. Em seguida, analisaremos alguns exemplos de interjeições delocutivas.

1 Uma abordagem materialista da argumentação

Pensar a argumentação de uma perspectiva materialista, tendo a língua, a enunciação e o discurso como objetos, é pensar os modos pelos quais a linguagem verbal (e outras materialidades significantes) permitem direcionar o dizer para uma conclusão, inscrevendo-o nos conflitos ideológicos que constituem uma sociedade. Falamos em *práticas de linguagem*, e, portanto, em sujeitos dessas práticas.

Considerando a enunciação, tomamos em conta a subjetividade a partir do fato de sermos falantes, e, assim, estarmos inscritos na ordem das línguas ao tomar a palavra. A ordem de uma língua não é independente das relações da linguagem com sua exterioridade constitutiva: o interdiscurso, ou memória discursiva,

definido por Pêcheux (1975, p. 162) a partir do fato de que “algo fala” (*ça parle*) sempre “antes, em outro lugar e independentemente”, isto é, sob a dominação do complexo das formações ideológicas”.

A subjetividade, assim, quando observada nos modos que a língua no acontecimento da enunciação oferece para apresentar a relação com o falante, é tomada como efeito da exterioridade constitutiva, pela inscrição necessária daquele que fala numa posição-sujeito no interdiscurso, o que faz com que estar em uma língua implique em “habitar” espaços políticos de tomada da palavra, movimentados pelas relações ideológicas de divisão do real, que Guimarães denomina *espaços de enunciação*, e caracteriza como espaços políticos de funcionamento de línguas, “que se dividem, redividem, se misturam, desfazem, transformam por uma disputa incessante. São espaços “habitados” por falantes, ou seja, por sujeitos divididos por seus direitos ao dizer e aos modos de dizer. [...]” (GUIMARÃES, 2002, p. 18).

Podemos exemplificar o funcionamento da língua nos espaços de enunciação com o enunciado *Keep calm and carry on!* Nas condições históricas de produção deste enunciado na época de Segunda Guerra Mundial, o espaço de enunciação é o do inglês como língua da Coroa Britânica (com o funcionamento de língua oficial) e língua nacional da Inglaterra. Nas condições históricas de circulação deste enunciado na contemporaneidade, o espaço de enunciação é o do inglês como língua de comunicação global, no qual o inglês tem sua circulação ampliada, não só entre falantes dessa língua, mas em enunciações que o colocam em relação com outras línguas, como é o caso do enunciado analisado na atualidade. Os diferentes espaços de enunciação em que uma língua se inscreve, portanto, têm efeito sobre a relação dos falantes (desta e de outras línguas) com esta língua.

Propomos pensar o movimento político do dizer no desdobramento entre a formulação enunciativa, ou seja, o fio do discurso fruto do dizer de um sujeito, e as filiações interdiscursivas, isto é, a necessária inscrição do sujeito em uma posição-sujeito na memória discursiva a partir da qual seu dizer significa e circula em determinadas condições de produção. Guimarães (2002, p. 17) caracteriza o movimento político no fio do dizer “pela contradição de uma normatividade que estabelece (desigualmente) uma divisão do real e a afirmação de pertencimento dos que não estão incluídos”.

Keep calm and carry on! é um enunciado que, normativamente, estabelece a necessidade de manter a calma e seguir adiante. Para entendermos este movimento de estabelecimento de uma normatividade marcada pelo imperativo do verbo, precisamos recorrer às cenas enunciativas e aos espaços de enunciação de sua produção ou circulação, que, como vimos, nos fazem interpretá-lo diferentemente, primeiro como enunciado-confortador da Coroa Inglesa no espaço de enunciação de uma nacional/oficial, e depois como enunciado-conselho anônimo, no espaço de enunciação de uma língua de comunicação global. Precisamos, ainda, recorrer às suas filiações interdiscursivas, para compreender o movimento no político no nível da constituição do dizer. Orlandi (1996, p. 21-22) define o político como “o fato de que o sentido é sempre dividido, tendo uma direção que se especifica na história, pelo mecanismo ideológico de sua constituição”. *Keep calm and carry on!* passa de um discurso patriótico a um discurso psicológico entre sua formulação inicial e sua circulação atual.

É nesta relação entre língua, enunciação e discurso que a argumentação se dá. Assumimos, com Guimarães (1995, p. 82) que, enquanto prática enunciativa, “[...] a argumentação está determinada pelo interdiscurso. A posição do sujeito, a posição de onde se fala é o “argumento” decisivo”. Uma vez que as intenções do sujeito, ao argumentar, são determinadas pelas suas filiações no interdiscurso, o efeito da argumentação sobre o(s) interlocutor(es) não é necessariamente de convencimento ou persuasão, ou tampouco obtido apenas a partir de estratégias conscientes.

Entram em jogo as filiações ao interdiscurso, a identificação do outro com o dizer, no nível interdiscursivo. Ainda que todo processo discursivo suponha, “por parte do emissor, uma antecipação das representações do receptor, sobre a qual se funda a estratégia do discurso” (PÊCHEUX, 1969, p. 84), não há garantia de sua ‘eficácia argumentativa’ na relação com o outro. Assim, não é esta eficácia que nos interessa observar, mas diferentes mecanismos de produção da argumentação, na relação entre língua, enunciação e interdiscurso.

Para avançar na nossa reflexão, e trazer elementos que possam refinar a análise das projeções do sujeito falante na enunciação, lançamos mão da noção de *cena enunciativa*, proposta por Guimarães (2007[1987]), quando descreve o

funcionamento da conjunção *embora* e analisa a mudança de seu *valor argumentativo* ao longo do tempo. O autor afirma que:

[...] o linguista dramatiza o uso linguístico em cenas com função metodológica [...] Tais cenas são recortes que o discurso do linguista produz metodologicamente na língua tomada como um discurso. Estas cenas são o lugar e o tempo metodológicos das enunciações. (Guimarães, 2007[1987], p. 172)

Posteriormente, o autor volta sobre esta noção para defini-la teoricamente em relação ao acontecimento enunciativo e aos espaços de enunciação. Assim, define *cena enunciativa* como “modos específicos de acesso à palavra dadas as relações entre as figuras da enunciação e as formas linguísticas” (GUIMARÃES, 2002, p. 23). *Locutor*, *locutor-x* e *enunciador* são figuras da enunciação, projeções do falante no dizer, que configuram cenas enunciativas. O Locutor (L), ao tomar a palavra, se torna responsável pelo dizer; para falar, ocupa um lugar legitimado socialmente (l-x), como o de conselheiro, de Estado, etc.; já o enunciador (E) atribui diferentes perspectivas ao dizer do Locutor, que pode falar evocando um ponto de vista *individual* (eu digo que...), *coletivo* (nós, brasileiros, achamos...), *genérico* (sob o modo de saberes partilhados) ou *universal* (produzindo o efeito de verdade lógica). Podemos exemplificar o uso desta noção com a análise do enunciado-epígrafe, cuja citação inicia este trabalho.

Na cena enunciativa configurada nas condições de produção e circulação originais desse enunciado, era o Estado britânico, representado pela Coroa Real, que aparecia representado como o lugar social (l-x) a partir do qual ele era enunciado e significado. Em seu modo de circulação nos dias de hoje, a representação das figuras enunciativas no acontecimento configuram uma cena enunciativa diferente: o lugar de fala de Estado (l-x), representado como aquele que dá suporte à população e ocupado pela Coroa Britânica, aparece substituído pela representação do lugar social de um locutor-conselheiro anônimo. Por outro lado, faz parte da descrição da cena enunciativa explicitar o funcionamento das perspectivas enunciativas ou *enunciadores* quais evocados pelo enunciado e que afetam a enunciação do locutor. No caso do enunciado que analisamos, podemos afirmar que na cena enunciativa referida às condições de produção da Segunda Guerra Mundial, o

locutor-Coroa Britânica evocava um *enunciador individual*, que funcionava como garantia da performatividade do enunciado: “é o Estado/Coroa/Rainha da Grã Bretanha que ordena/impõe/aconselha uma atitude calma e uma continuidade na ação de resistir”. Na cena enunciativa atual, a configuração dos lugares de dizer muda, e a perspectiva enunciativa de um enunciador individual é substituída por um *enunciador genérico*, que traz para o sentido do enunciado a perspectiva do senso comum, de um saber compartilhado, que transforma o dizer imperativo da enunciação original na evocação daquilo que todo mundo sabe ou deveria saber para sobreviver em tempos difíceis – quaisquer que sejam esses tempos.

2 Interjeição, delocutividade, argumentação

Por desafiar a divisão das unidades da língua – pode ser uma palavra de construção morfossintática ou onomatopáica, pode ser uma frase verbal ou nominal, este fato de linguagem que funciona sozinho como um enunciado tem pouco ou nenhum lugar nas gramáticas de língua portuguesa, mesmo naquelas elaboradas por linguistas. Segundo o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2009⁵), *interjeição* é “palavra ou sintagma que, ger. sem combinar-se gramaticalmente com elementos de oração, forma frase que exprime uma emoção, uma sensação, uma ordem, um apelo ou descreve um ruído (p.ex.: *psiu!*, *oh!*, *coragem!*, *meu Deus!*)”.

Como bem identifica o verbete do Houaiss, a interjeição dificilmente se encaixa em uma frase; ela funciona como uma unidade própria, seja como reação a um antecedente, que pode ser linguístico ou não – *oh!*, *meu Deus!*, seja como sentido projetado para o futuro – *psiu!*, *Coragem!*. Caracterizada pela unidade, concisão, invariabilidade formal e potencial polissêmico, é um recurso linguístico bastante comum e tem funcionamento argumentativo, direcionando os sentidos para determinada conclusão, a partir das divisões que constituem os espaços de enunciação pela inscrição do falante na língua e nas filiações interdiscursivas.

Neste tempo em que a linguagem na internet abre um espaço particular para a enunciação de opiniões e posições de forma concisa, por meio de twitter, hashtags,

⁵ Disponível em: <<http://houaiss.uol.com.br/busca?palavra=interjei%25C3%25A7%-25C3%25A3o>>. Acesso em: 28 agosto 2016.

'likes', comentários, surgem novas interjeições, algumas mais duradouras, como *Só que não!*, outras mais efêmeras, como *Tá serto!*. Chamamos a atenção para o caráter delocutivo, isto é, oriundo de um processo enunciativo, destas e de outras interjeições, como *Fala sério!*, que foi analisada por Eduardo Guimarães; o funcionamento argumentativo destas três interjeições nos interessa particularmente, porque atuam como contra-argumentos, cada uma apresentando particularidades semântico-enunciativas que vamos examinar.

Começamos retomando a análise que Guimarães faz de *Fala sério!*. Estamos considerando, como ele propõe para *Fala sério!*, que *Tá serto!* e *Só que não!* são contra-argumentos delocutivos, posto que estas interjeições têm em comum o fato de inverter a orientação argumentativa do enunciado ou texto que predicam, fazendo significar a não aceitação deste dizer.

Morfossintaticamente, *fala sério!* se organiza pelo verbo imperativo (*fala*) e o advérbio (ou adjetivo em função adverbial – *sério*), mas não se trata de uma formação composicional, e sim da transformação, por delocutividade, de um enunciado já presente na língua, que pode ser representado por “X, fala sério!” (em que X seria um nome próprio de pessoa). Este ‘dizer ‘fala sério’’, ou ‘enunciar ‘fala sério’ dá origem à interjeição: *Fala sério!*. Ao reconstruir virtualmente a cena enunciativa do processo delocutivo de ‘dizer ‘fala sério’’, Guimarães projeta um conjunto de enunciações por um locutor que fala enquanto pessoa da perspectiva individual. Estas enunciações podem ser representadas por paráfrases como: “Eu peço a você que você fale com seriedade” ou “Você não está falando com seriedade”; ao mesmo tempo, elas fazem subentender a perspectiva genérica: “É preciso falar com seriedade”, que está na base do processo delocutivo e da fixação da interjeição.

Para *Fala sério!*, o autor identifica três sentidos possíveis (aos quais poderíamos acrescentar outros, sem dúvida). São eles: *não é verdade*, como negação de uma afirmação, por exemplo: “Roberto nasceu no último ano da segunda guerra”; *não acredito!*, como não crença num enunciado, como: “Eu espero que você não faça a reclamação”; e, finalmente, *Vê se pode!*, como espanto ou inconformidade em relação a um enunciado como: “Ele me pede para desistir do prêmio”. Há, assim, um funcionamento polissêmico que se constitui a partir das relações de enunciação, nas quais tem parte fundamental o processo delocutivo.

3 Tá certo!⁶

*Tá certo eu dispenso e renego o baralho
Te compro um vestido e um rádio de pilha
[...]
Te trago, mulher, a TV colorida
Antonio Fagundes sem cor não tem graça
E só vendo novela tu esqueça essa vida
(Oswaldo Montenegro, *Tá certo*)*

Tá certo! é uma interjeição que manifesta concordância, apoio ou aceitação de uma argumentação anterior. Este trecho da canção de Oswaldo Montenegro que trazemos como epígrafe ilustra uma situação em que a aceitação da razão do outro implica dar por vencidos seus próprios argumentos contrários: o marido ‘renega o baralho’ e compreende a necessidade da mulher em receber dele presentes e demonstrações de atenção, necessidade esta justificada pelo fato de estes agrados oferecerem a possibilidade de ela esquecer “essa vida”. A crítica social produzida no fio da canção mobiliza uma série de implícitos sobre as condições sócio-econômicas de vida e sobre a relação entre marido e mulher: a vida daquela mulher é tão difícil que é algo a esquecer; o galã da novela faz sonhar; algum conforto material ajuda a viver (ou a esquecer “essa vida”); as necessidades do marido e da mulher são diferentes; o marido deve abnegar do seu prazer (“o baralho”) para dar prazer à mulher.

Ao longo da canção, fica claro o distanciamento do locutor em relação a este ponto de vista de aceitação do argumento do outro. Compreendemos que o constrangimento das obrigações com a mulher faz parte de um constrangimento social maior, em que não pode dizer o que pensa, ou mesmo pensar, não pode sonhar, e deve se resignar às suas condições materiais de existência ainda que estas não sejam as desejadas. Vejamos como estes sentidos se projetam em outra parte da canção:

⁶ Agradecemos a Beatriz G. André e Luisa I. Moyses, estudantes do curso de Licenciatura em Letras do IEL, que escolheram esta interjeição como palavra-entrada para os verbetes formal e informal com que contribuíram para um projeto que Sheila Elias de Oliveira tem desenvolvido com as turmas de graduação em Letras e Linguística da Unicamp: a confecção de um dicionário de gírias que circulam no Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp. Usaremos aqui exemplos retirados dos verbetes feitos por elas.

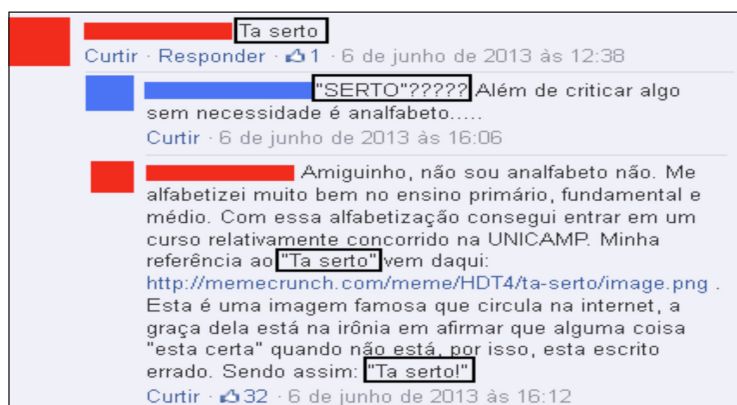
*Podendo não penso e pensando não digo
Esqueço meu sonho e não jogo no bicho
E em vez do Maraca no fim-de-semana
Te ajudo a tirar no quintal todo o lixo
E à noite eu te levo num filme bacana
E finjo que esqueço o aluguel atrasado
E finjo que adoro quem vem me cobrar
Pra morar nessa coisa eu devia ser pago*

Deparamo-nos, progressivamente, com um locutor para quem nada do que afirma “está certo”. Há um efeito irônico sobre a interjeição inicial, que dá título à canção: *Tá certo*. Este efeito tem hoje um modo de existência particular, formalmente marcado, em uma nova interjeição formada em um processo delocutivo a partir de *tá certo!*: *tá serto!*

Tá serto! significa de modo contrário à interjeição que lhe deu origem. Ela funciona como um contra-argumento, e o contraste com a expressão de origem é marcado na escrita, pela falta ortográfica: o ‘S’ no lugar do ‘C’; e, na oralidade, pela pronúncia do ‘R’ retroflexo, conhecido popularmente como ‘R’ caipira. Embora a criação de interjeições seja tradicionalmente atribuída à oralidade, *Tá serto!* é claramente uma criação da escrita. Ela surge nas redes sociais, a partir de um meme. E assim como na escrita se tentam reproduzir características ou marcas da oralidade, neste caso, a marca da escrita – o erro ortográfico, é representada na oralidade por uma variante de pronúncia – o ‘R’ caipira – considerada menos prestigiada, ou mesmo “errada”, no senso comum. Embora esta interjeição primeira possa ter variações formais, como *tá sertinho*, *tá sertíssimo*, *tah serto*, *sertíssimo*, *tá serto mano*, *tá certo fera*, entre outras, a marca escrita é sempre o ‘S’ inicial.

Em uma página do Facebook intitulada “Os piores motoristas da Unicamp”⁷, vemos a reação de alguém que desconhece a nova interjeição e a toma por uma falta ortográfica.

⁷ Disponível em: <<https://www.facebook.com/OsPioresMotoristasDaUnicamp/photos/a.527218963982557.1073741828.527206950650425/527730313931422/?type=1&theater>>. Acesso em: 28 agosto 2016.



Na postagem em resposta à crítica da suposta falha ortográfica, o internauta justifica a ortografia da nova interjeição: sua “graça” está na ironia de “afirmar que alguma coisa está certa quando não está, por isso, está escrito errado”. À diferença de *fala sério!*, no processo delocutivo de *tá certo!* e no seu funcionamento como contra-argumento, a ironia é fundamental. O erro ortográfico e a pronúncia caipira marcam o caráter irônico da interjeição.

No interior de sua perspectiva polifônica apresentada na década de 1980, Ducrot caracteriza a ironia pela mobilização, em um enunciado, de um enunciador (E) do qual o Locutor (L) se distingue. L, mesmo sendo dado como responsável pela enunciação, apresenta a perspectiva de E como absurda. Para marcar que se distingue de E, L pode recorrer, por exemplo, “a uma evidência situacional, a entonações particulares, e também a certos torneios especializados na ironia como “Que ótimo!”, etc.” (DUCROT, 1984, p. 198). No caso do meme que deu origem a *Tá certo!*, como veremos abaixo, a marca ortográfica posta pelo Locutor, ao evocar a expressão original – *Tá certo!* – projeta o enunciador absurdo, distinto de L. Para interpretar a ironia, a imagem produz o efeito de “evidência situacional”. Eis o meme⁸:

⁸ Disponível em: <<http://memecrunch.com/meme/HDT4/ta-serto/image.png>>. Acesso em: 28 agosto 2016.



Figura 2º

Vamos trazer a presença desta voz ou perspectiva enunciativa absurda da qual L se distingue, proposta no quadro ducrotiano, para a cena enunciativa tal como esta é caracterizada por Guimarães. Assim, poderemos observar o modo como a divisão das representações do falante na enunciação toma parte do movimento político do dizer. Vamos, também, caracterizar o movimento argumentativo do seguinte modo: *Tá certo!* conduz à conclusão C; por sua vez, *Tá serto!*, evocando *Tá certo!* como memorável¹⁰, se opõe a ele, apresentando C como absurda.

Na imagem do meme, um homem negro, tendo como plano de fundo uma favela, faz o símbolo de ‘joinha’ com as duas mãos. A ironia se estabelece pela marca linguística do erro ortográfico, e pode ser compreendida como ‘falta planejada’ a partir do contraste entre, de um lado, a expressão linguística e o gestual do locutor, e, de outro, as más condições de vida que aparecem ao fundo. Ademais, a tomada da palavra por um locutor-cidadão negro, em um país em que a maioria negra é pobre e em que grande parte dos pobres que vivem no meio urbano mora em favelas, dá especificidade à crítica social que se produz, rememorando não só as desigualdades sociais no país, mas o lugar particular do negro como alvo desta distribuição desigual.

⁹ Disponível em: <memecrunch.com>. Acesso em: 28 agosto 2016.

¹⁰ Guimarães (2002, p. 12) define o memorável ou rememorado como um passado que se presentifica no dizer, como “rememoração de enunciações anteriores”. A marca de transformação da interjeição original faz com que ela esteja sempre presente (rememorada) no dizer de *Tá serto!*

Vamos reconstituir, tal como representada neste meme original, a cena enunciativa que ilustra o movimento delocutivo de *Tá serto!*. O locutor-cidadão negro, ao enunciar 'TA SERTO' fazendo o símbolo duplo de 'joinha', tendo como plano de fundo um cenário que não pode ser tomado como certo ou como 'joinha', produz o efeito de inversão da conclusão a que *Tá certo!* levaria – por exemplo, a conclusão de que é *aceitável que pessoas, e, dentre elas, massivamente negros, vivam em favelas*. Ao enunciar *Tá serto!*, o locutor projeta a interjeição original *Tá certo!* como argumento de um enunciador absurdo, pela conclusão a que conduz; um E do qual o locutor se distancia, pelo contra-argumento, que, neste caso, levaria à conclusão oposta de que *não é aceitável que pessoas, e, dentre elas, massivamente negros, vivam em favelas*. Este enunciador absurdo, que diria *Tá certo!* para a situação denunciada no meme, pode ser associado ao Estado brasileiro, ou à maioria branca de classe média que, na prática, enquanto coletividade, tem sido indiferente às desigualdades sociais e raciais do país.

A contra-argumentação irônica permanece nas diferentes enunciações de *Tá serto!*, constituindo a parte estável do seu funcionamento político enunciativo, mas a configuração da cena enunciativa e os discursos produzidos inscrevem, em cada enunciação, um movimento particular na interdiscursividade. Um exemplo é o da imagem (Figura 3) publicada em um blog da internet, que toma como objeto da ironia os erros ortográficos dos brasileiros.

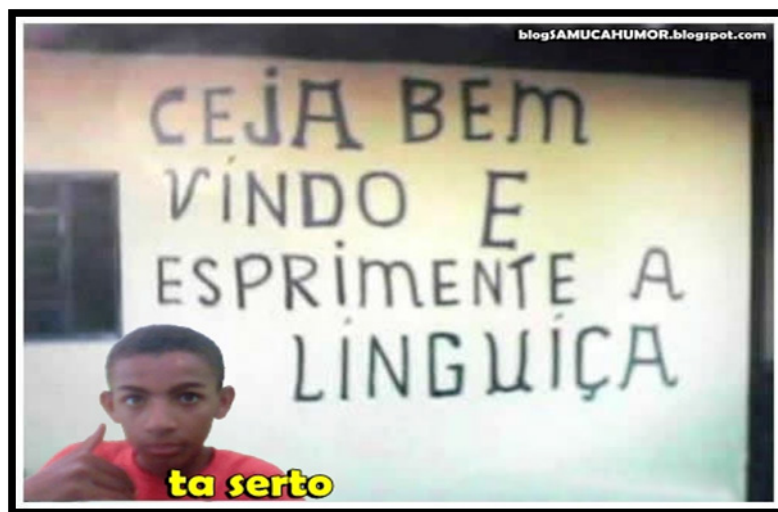


Figura 3¹¹

Nesta foto, o menino negro não se projeta como locutor-cidadão negro, como no meme original, mas como locutor-cidadão que, sustentado em um discurso normativo, reivindica o cumprimento da norma ortográfica da língua oficial. Ao fazê-lo, ele inscreve a língua nacional e oficial do Brasil no espaço de enunciação dividido entre o padrão culto normatizado de escrita ortográfica e as outras formas de escrita, tidas como erradas por destoarem deste padrão. O enunciado predicado por *Tá certo!* é “Ceja bem vindo e esprimente a linguíça”, posto como anúncio na parede externa de uma venda, o que é típico de comércios bem populares. *Tá certo!* conduz à conclusão de que *é inaceitável que um brasileiro escreva a língua oficial do país com erros ortográficos*, oposta à conclusão que seria conduzida por *Tá certo!*, tomada como absurda: *é aceitável que um brasileiro escreva a língua oficial do país com erros ortográficos*. A crítica irônica incide sobre aqueles brasileiros (dentre os quais o locutor de *Tá certo!* não se inclui) que ‘escrevem errado’, segundo o padrão da língua oficial do Estado.

Trazemos ainda alguns tweets de 2013, para mostrar que o funcionamento argumentativo pode trazer diferenças na mobilização dos mecanismos linguístico-enunciativos. Só podemos compreendê-lo nos expondo à opacidade da língua e à

¹¹ Disponível em: <[http://1.bp.blogspot.com/lFvV_VTCzfc/UWhbtJLOnI/AAAAAAAAARh8/ZGDHqmJyGUc/s640/ta+serto+\(2\).jpg](http://1.bp.blogspot.com/lFvV_VTCzfc/UWhbtJLOnI/AAAAAAAAARh8/ZGDHqmJyGUc/s640/ta+serto+(2).jpg)>. Acesso em: 28 agosto 2016.

sua relação com a interdiscursividade, dando visibilidade ao seu caráter de prática política, inscrita na divisão de sentidos própria a todo dizer.

Camilletti @alimacindo 2 de abr

Ana Paula Padrão participou do CQC e disse que Alckmin é correto? Pronto, tá resolvido o desvio de 1 bilhão do Metro, não foi ninguém **#SERTO**

Jackson Raymundo @jacksonraymundo 12 de jun

Protesta contra gasto público depredando patrimônio público. **#serto** "@samklein Manifestação contra gastos da Copa pic.twitter.com/noyLG7BILm"

BATATINHA @MrsLilicaGraham 29 de jun

"@DOMINATION: Pense como homem, acabe sem um.." think like a man, end up without one
#serto

No primeiro tweet, *Tá sertó!* predica o enunciado "Pronto, tá resolvido o desvio de 1 bilhão do Metro, não foi ninguém", cuja conclusão deve ser recuperada a partir do enunciado anterior: "Ana Paula Padrão participou do CQC e disse que Alckmin é correto?". A conclusão a que *Tá certo!* (ou **#CERTO**) conduziria é: *Alckmin é correto*, enunciada pela jornalista Ana Paula Padrão em um programa de TV (o CQC). Dela, se distancia a locutora que toma a palavra como cidadã e como tuiteira pela mobilização de um enunciador individual que marca sua posição pessoal. Ela o faz denunciando o absurdo desta conclusão pelo acréscimo do contra-argumento **#SERTO**. Sua conclusão: *Alckmin não é correto*; e, neste caso, seu contra-argumento está implícito no enunciado que **#SERTO** predica: o desvio de 1 bilhão do Metro é de responsabilidade do governador de São Paulo; por isso, ele não é correto.

O segundo tweet faz uma crítica às depredações feitas em manifestação contra os gastos da Copa do Mundo que o Brasil sediaria em 2014: a **#serto** predica o enunciado "Protesta contra gasto público depredando patrimônio público". Este enunciado, seguido de *Tá sertó!*, leva à conclusão: *os manifestantes estão errados ao achar legítimo protestar contra o gasto público gerando a necessidade de mais gasto público pela depredação do patrimônio*.

O locutor que toma a palavra como tuiteiro e cidadão, de uma perspectiva individual, produz um argumento falacioso, ao atribuir ao sujeito que protesta a

deprecação, quando não se tinha como certo que os agentes da deprecação fossem os próprios manifestantes. Para produzir o efeito de perspectiva absurda, o locutor se serve de uma base que não pode ser apresentada como fato e, neste sentido, é falsa. No entanto, para negar seu enunciado, há que se questionar algo que o enunciado em si mesmo não deixa ver.

É preciso recolocá-lo nas condições históricas em que foi produzido, entrar na disputa de sentidos sobre as manifestações de 2013, para compreender o que ele silencia¹², assim como sua inscrição em um discurso conservador contrário às manifestações, que se estabeleceu com força na mídia e nas redes sociais na época, a partir de argumentos que desqualificavam os manifestantes, seja acusando-os de vândalos, por depredar o patrimônio público, como no caso deste tweeteiro, seja acusando-os de não terem uma reivindicação pontual, e por isso apresentarem um discurso político difuso e imaturo de quem não sabe o que quer.

O último tweet predica com a **#serto** um tweet anterior, cujo autor é identificado como @DOMINATION: “Pense como homem,acabe sem um..” think like a man, end up without one”. A identidade do suposto tweeteiro original do enunciado parece ser forjada pela tweeteira da **#serto**, que, ao fazê-lo, atribui a ele um discurso machista de dominação do homem sobre a mulher. O enunciado de @DOMINATION, que representaria o argumento **#certo**, levaria à conclusão: *mulheres devem pensar como mulheres, e não como homens*, para conseguirem um homem, conclusão esta a que se opõe a tweeteira, que toma a palavra como cidadã-mulher, e inscreve um discurso contra a dominação masculina sobre a mulher.

Esta conclusão posta como absurda se sustenta em um discurso machista, aos quais a **#serto** se opõe. Não basta, portanto, negar a conclusão orientada pela **#certo** para compreender o absurdo denunciado pela **#serto**. A conclusão a que

¹² Estamos tomando a concepção de *silêncio* de Orlandi (1992, p. 23-24). A autora distingue entre “a) o silêncio fundador, aquele que existe nas palavras, que significa o não-dito e que dá espaço de recuo significante, produzindo as condições para significar e b) a política do silêncio que se subdivide em b1) silêncio constitutivo, o que nos indica que para dizer é preciso não dizer (uma palavra apaga necessariamente as “outras” palavras e b2) o silêncio local, que refere à censura propriamente (aquilo que é proibido dizer em uma certa conjuntura).” O silêncio fundador nos dá o horizonte de significação a partir da compreensão da incompletude da linguagem; já o silêncio constitutivo, a que estamos nos referindo no caso do argumento do tweeteiro, é este que apaga outros dizeres possíveis, impedindo que eles sejam formulados.

a **#serto** conduz é: *não é certo que mulheres devem pensar como mulheres, e não como homens, para conseguirem um homem*. Para compreendê-la, é preciso explicitar não-ditos que significam na conclusão da **#certo**: podemos identificá-los como: *os homens devem estabelecer padrões de comportamento para as mulheres*, que seria oposto na direção argumentativa de *tá serto!* por: *as mulheres devem determinar seus próprios padrões de pensamento; e os homens são troféus que as mulheres disputam, lutam para “conseguir”*, que seria oposto na direção argumentativa de *tá serto!* por *homens e mulheres não têm valor desigual, de modo que um não “consegue” o outro unilateralmente*.

Ao lançar nosso olhar sobre *Tá serto!*, trabalhamos num batimento entre as regularidades linguísticas e enunciativas desta interjeição e as particularidades de suas enunciações. No centro das análises, estava o político como categoria enunciativa e discursiva. De um lado, identificamos o funcionamento irônico deste contra-argumento delocutivo, marcado formalmente na escrita e na oralidade. De outro lado, vimos nos diferentes modos de afirmação de pertencimento na cena enunciativa – como cidadão, como cidadão negro, como cidadã mulher, etc., e na relação do dizer com seus rememorados, inscritos na interdiscursividade que sustenta toda enunciação, a mobilização de sentidos diferentes, e de um conjunto de mecanismos argumentativos (implícitos, silêncios, jogando na explicitação ou não do argumento de base para oposição) que vão junto ao contra-argumento produzir a especificidade do movimento político de cada argumentação de que *Tá serto!* participa.

Assim como o funcionamento de *Só que não...* também deixa entrever, as redes sociais são instâncias privilegiadas de criação lexical. Neste movimento, o léxico de opinião tem um lugar de destaque e é preciso chamar a atenção para o fato de que os argumentos de oposição, ou contra-argumentos, se multiplicam. As redes sociais se constituem em um lugar particular de polêmica e confronto, que merece ser estudado.

4 *Só que não*¹³

Em tempos de comunicação em tempo real mediada pelas novas tecnologias de linguagem, algumas locuções aparecem espontaneamente e se reproduzem rapidamente na rede virtual, configurando modismos que circulam amplamente entre os internautas e que funcionam como *modos de dizer* que afetam a significação dos enunciados. Daí o interesse de estudar o seu funcionamento enunciativo e os efeitos argumentativos de sua formulação e circulação. Tal é o caso da interjeição *Tá serto!* analisada acima e também de *só que não!*, cujo funcionamento analisamos a seguir.

O surgimento recente da interjeição *só que não* nas redes sociais (principalmente no Facebook, no Tumblr e no Twitter) chamou nossa atenção. Para sua descrição vamos considerar o deslocamento que sofre esta formulação, de um uso como conjunção (perífrase conjuncional) inserida entre enunciados, para um uso como interjeição inserida em posição final da frase e para sua circulação em forma abreviada na internet, com funcionamento de *hashtag*.

Para iniciar a descrição desta forma, retomamos as considerações de LONGHIN-THOMAZI (2003) sobre o uso de *só que* como conjunção. Segundo a autora, esta forma linguística é fruto de um:

[...] processo de criação linguística pelo qual se combinaram o operador SÓ e a partícula QUE, para a formação de um item conjuncional novo – a perífrase SÓ QUE – que tem a propriedade de estabelecer contraste entre os segmentos que articula. (LONGHIN-THOMAZI, 2002: 1)

Para a autora o contraste marcado por esta locução refere a uma quebra de expectativa no intercâmbio comunicativo.

¹³ A análise que se segue foi apresentada por Mônica Zoppi Fontana na *II Jornada Semântica e Enunciação*, realizada concomitantemente com o *III Colóquio Marcadores do Discurso nas línguas românicas, uma análise contrastiva*, no Instituto de Estudos da Linguagem/ Unicamp, em maio de 2013. Agradecemos aos alunos da disciplina de de LL125 Tópicos de Semântica I, ministrada no primeiro semestre de 2013, a indicação sobre o uso desta forma linguística nas redes sociais.

O contraste por quebra de expectativa não decorre da incompatibilidade semântica entre orações, mas sobretudo de aspectos ligados ao contexto pragmático, que inclui as avaliações, as crenças e as pressuposições dos falantes. Dessa forma, a quebra de expectativa pode ser desencadeada, entre outros fatores, pela divergência entre aquilo que se diz e aquilo que é pressuposto ou tido como norma, no mundo dos interlocutores, como também pelo conflito entre o que se esperava e não aconteceu ou, na direção inversa, entre o que aconteceu e o que não se esperava. (LONGHIN-THOMAZI, 2002: 122)

A autora cita um exemplo para descrever de forma geral o funcionamento desta expressão,

Rodolfo, ex-Raimundos, continua a fazer rock pesado. Só que com letras cheias de mensagens religiosas.

Observamos ao analisar esse enunciado que a pressuposição convocada pela presença do verbo *continuar* no primeiro segmento, que implica que o músico fazia rock pesado no passado, é mantida na interpretação global do enunciado; porém, sofre uma restrição na sua aplicação, marcada pela inserção da expressão *só que*. Assim, a conclusão para a qual orienta argumentativamente o primeiro segmento (“Rodolfo continua a ser o mesmo roqueiro”) sofre uma restrição (*só que* as letras são outras = religiosas), que orienta na direção contrária (“Rodolfo não é mais o mesmo de antes”). Neste sentido, *só que* pode ser interpretado como um *conector contra-argumentativo*, cujo sentido inverte a direção argumentativa do enunciado ou atenua, restringindo, a força com que o enunciado encaminha para uma determinada conclusão. No caso de nosso exemplo, o movimento argumentativo mostra um conflito entre as projeções imaginárias que permitem interpretar os sentidos tanto da designação “rock pesado”, que rememora uma filiação a uma posição discursiva caracterizada por práticas contestatárias que rompem com a ordem moral hegemônica, quanto para a designação “letras religiosas”, que se inscreve no espaço dos cultos religiosos, da música sacra ou gospel e do respeito às normas morais. De nosso próprio espaço teórico, que considera o político na enunciação, este funcionamento semântico-enunciativo da forma *só que* sinaliza as divisões que afetam as práticas de dizer em um espaço de enunciação determinado, produzindo um embate entre filiações a posições distintas no interdiscurso, que se

reflete nos modos de nomear e particularizar uma referência na enunciação e nos modos de organizar o movimento argumentativo dos enunciados.

Ainda conforme LONGUIN-TOMAZI (2002), a locução conjuncional *só que* pode assumir cinco acepções de sentido, de acordo com os seus contextos linguísticos e comunicativos de uso, das quais nos interessa particularmente o seu funcionamento como marcador de refutação. A autora propõe a seguinte descrição para o uso da conjunção com sentido de *marcador de refutação*:

É característico de contextos em que o locutor desmente, nega ou contesta uma informação explícita ou implicitamente veiculada antes, e fornece a seguir a informação que julga correta. Nessa acepção de *só que*, predomina uma estrutura que associa uma refutação a uma retificação, necessitando apenas da presença de um conjunto opositivo. (LONGHIN-THOMAZI, 2002: 130)

Este uso da conjunção se caracterizaria, segundo a autora, por vir acompanhada pelo advérbio de negação, que aparece inscrito no segundo segmento do enunciado, como vemos no exemplo abaixo. Nestes casos, o enunciado mostra um funcionamento *polifônico*, apresentando mais de um *enunciador* como perspectiva enunciativa que orienta o sentido em determinada direção argumentativa.

...aí eu vortei a senti mal de novo... **Só que** aí já **num** era infarti.. Aí já era... é:: é... uma veia entupida... (NEP/91) (LONGHIN-TOMAZI, 2002, p. 130)

Outra característica já amplamente descrita para esta construção é sua função coordenativa, que pode encadear argumentativamente segmentos de enunciados ou enunciados completos. Também é característica sua posição na sequência do texto: a locução conjuncional *só que* ocupa sempre a posição inicial ou média dos enunciados em que aparece:

Só que não ficou inteiramente claro para nós qual é a meta que pretende atingir com esse testemunho.

Levei advertência, *só que não* quero mostrar.

mesmo enunciado pelo falante, que se mostra dizendo e se contradizendo ao mesmo tempo, o que produz o efeito irônico característico desta construção. Vejamos mais uns exemplos (que circulam como *memes* nas comunidades de facebook), para avançar na descrição.



Figura 4¹⁶

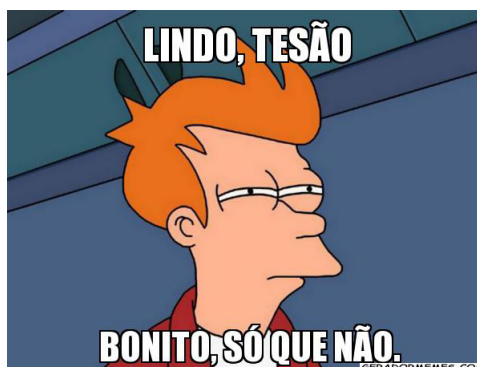


Figura 5¹⁷

Nos *memes*, separados pelo espaço gráfico ocupado pela imagem, encontramos os dois segmentos do enunciado que se opõem pelo jogo da negação e da locução *só que*. Perceba-se que a pontuação trabalha o sentido das frase como um enunciado único, ou seja, segundo Ducrot (1983) “como um movimento discursivo único”, no qual se mostra uma afirmação e sua refutação imediata. Com efeito, a separação entre o primeiro segmento e o segundo está marcada na formulação por vírgula, ao tempo que o segundo segmento traz a marca do ponto final que encerra o período. Por outro lado, a presença da imagem permite interpretar que o primeiro segmento funciona como uma citação em discurso direto livre (não marcada) da enunciação de outro locutor (representado pela personagem da imagem, por efeito de uma ficcionalização das relações interlocutivas, ou de um locutor outro que assumiria a perspectiva enunciativa que elogia e avalia positivamente a imagem), diferente do responsável pela enunciação do segundo segmento que inclui a expressão que analisamos (*só que não*). Seja no nível de análise dos lugares de enunciação (que considera a representação do locutor e do locutor-x nos enunciados) seja no nível de análise dos lugares de dizer (que considera o funcionamento

¹⁶ Disponível em: <<http://geradormemes.com/meme/26zyor>>. Acesso em: 28 agosto 2016.

¹⁷ Disponível em: <<http://geradormemes.com/meme/26zyor>>. Acesso em: 28 agosto 2016.

Neste sentido, podemos descrever o funcionamento morfossintático da expressão *só que não* como uma retomada por elipse do primeiro segmento do enunciado (que representaria a enunciação do locutor 1, que é evocada pela locução *só que não* no segundo segmento).

Lindo, tesão, bonito. **Só que não** Ø.
= Só que não [é lindo, tesão, bonito]./Só que não [é nada disso].

@Um_Pikachu_ sou diva **so que nao**
= só que não [sou diva]

Esta retomada por elipse é característica do funcionamento da relação coordenativa, conforme Charles Bally (1965) citado por LONGHIN-TOMAZI (2003) e GUIMARÃES (2007[1987]). Para Bally, as enunciações podem relacionar as orações de diversas maneiras; no caso da relação coordenativa: “Duas orações são coordenadas quando a segunda tem a primeira por tema”. Ou seja, a segunda oração retoma a primeira como subentendida, a primeira oração estaria elipticamente presente na segunda. (BALLY, 1965, p. 73 apud GUIMARÃES, 2007[1987], p. 77).

É justamente esta retomada elíptica, cujo escopo é sempre a totalidade da primeira oração e não apenas um de seus elementos, que sustenta o movimento refutativo do encadeamento, e, conseqüentemente, podemos interpretar a negação presente na locução como um caso de *negação metalinguística*, no sentido que é definida por DUCROT (1987[1984])¹⁹. Chamo *metalinguística* uma negação que contradiz os próprios termos de uma fala efetiva à qual se opõe. Direi que o enunciado negativo responsabiliza, então, um *locutor* que enunciou o positivo correspondente. (DUCROT, 1987[1984], p. 203-204)

Considerando o funcionamento da negação e da perífrase conjuncional, analisamos o efeito produzido pela inserção da forma *só que não* como segundo segmento de um enunciado como um *movimento de releitura e reinterpretção*. Utilizamos as noções de *releitura e reinterpretção* de acordo com a descrição proposta por GARCÍA NEGRONI (2000):

¹⁹ Neste sentido, o funcionamento desta foram se aproxima da locução “(si), pero no mucho”, analisada em ZOPPI FONTANA (2015, no prelo).

[...] definida como a atribuição de uma segunda interpretação (s'_1) para um enunciado E_1 ao que já tinha sido atribuído um sentido s_1 no momento de sua enunciação, e susceptível de ser desencadeada pelas instruções de releitura contidas na significação de certas palavras e conectores presentes em um enunciado E_2 , a reinterpretação deve necessariamente ser considerada no cálculo do sentido geral do discurso. (GARCÍA NEGRONI, 2000, p. 91, tradução nossa).

Como vimos anteriormente, este movimento de interpretação do sentido do enunciado com efeito retroativo sobre uma enunciação anterior (e sua representação) está presente, também, no funcionamento da interjeição *tá serto!*. Ambas as formas linguísticas são efeito de um processo de criação lexical que, não só dá origem pela enunciação a uma nova construção linguística a partir do *deslocamento/subversão* do funcionamento de formas já regularizadas na língua, mas estabiliza e legitima essa nova forma pelo uso constante em enunciações no ambiente digital. É justamente pelo fato de nascer como efeito das práticas de escrita dos internautas nas redes sociais, que estas formas são recentes e estão ainda em vias de consolidação na língua. Um sinal claro desse processo, muito presente no discurso digital²⁰, é a transformação dessas expressões em hashtags: #serto, #soquenao, #sqn, como veremos a seguir.

5 Hashtags, modos de dizer e delocutividade

Hashtags são palavras-chave antecidas pelo símbolo “#”, que designam o assunto que está sendo discutido em tempo real no *Twitter*. As *hashtags* viram *hiperlinks* dentro da rede e são indexáveis pelos mecanismos de busca. As mais usadas no *Twitter* ficam agrupadas no menu *Trending Topics*, encontrado na barra lateral da página. Assim, no espaço do discurso digital, as *hashtags* funcionam como indexadores que permitem a classificação das e o acesso às postagens dos internautas

²⁰ Tomamos a noção de *discurso digital* de DIAS, C. (2013). Conforme a autora esclarece na apresentação da rede A2DI há uma especificidade da “dimensão digital/numérique dos discursos nativos da internet, ou seja, produzidos online. Trata-se massivamente de discursos produzidos pela e na dita web 2.0, a web social, a web das redes sociais digitais, mas igualmente os discursos produzidos anteriormente em fóruns ou outros lugares discursivos, e também os discursos/dados que constituem o que começamos a chamar de web 3.0”.

3. sinalizam um desdobramento enunciativo dos enunciados, funcionando como *glosas metaenunciativas*, que modalizam *autonimicamente*²¹ o primeiro segmento do enunciado e mostram uma não-coincidência discursiva e interlocutiva no dizer do falante, que aparece dividido por uma discrepância nas filiações no interdiscurso e nas projeções dessas posições discursivas na cena enunciativa.

4.

FUTEBOL INTERNACIONAL

Na China, Tardelli ironiza: trem bala da Dilma, só que não

19 FEV2015 10h26 atualizado às 10h28

Partiu Rio- Sp de Trem bala da Dilma!! #sqn □□ #nuncavi □□□□□1
Shanghai- Jinan²²

Este recorte exemplifica o funcionamento polissêmico que acabamos de descrever. Observe-se que a manchete da notícia reproduz a postagem tuitada pelo jogador de futebol, porém, substitui a *hashtag* #sqn pela forma completa da interjeição, *só que não*, na citação em discurso direto: *trem bala da Dilma, só que não*. O verbo que introduz o discurso relatado explicita o modo de dizer irônico do qual #sqn é o indicador: *ironiza*. O locativo *Na China*, incluído pela reportagem na manchete, permite relacionar a enunciação a suas condições de produção e se contrapõe (refutando-a) à formulação postada no *Twitter*: *Partiu Rio-Sp*, que não explica a ironia, mas a mostra enunciativamente pelo funcionamento polissêmico da *hashtag* #sqn.²³

²¹ Segundo AUTHIER-REVUZ (2003), a *modalização autonímica* é uma operação semântica que afeta a enunciação de um lexema ou sintagma no fio do discurso, que se inscreve na cadeia com um duplo estatuto semiótico: enquanto *uso* da forma linguística, mantém as relações de referência à situação enunciativa e aos possíveis objetos e estados de coisas particularizados; enquanto *menção*, produz um redobramento reflexivo da forma linguística sobre a qual opera localmente a função metalinguística da linguagem.

²² Disponível em: <<http://esportes.terra.com.br/futebol/internacional/na-china-tardelli-ironiza-trem-bala-da-dilma-so-que-nao,747349222c1ab410VgnVCM10000098cceb0aRCRD.html>> . Acesso em: 28 agosto 2016.

²³ Atente-se para a aparição do locativo como hashtag na postagem no twitter: *I Shanghai-Jinan*

Conclusões

Nosso trabalho de descrição do funcionamento enunciativo-argumentativo das interjeições delocutivas *tá serto!*, *só que não!* nos permite avançar algumas considerações gerais sobre a relação constitutiva entre argumentação, enunciação e interdiscurso. Em primeiro lugar, acreditamos ter demonstrado que seu funcionamento argumentativo e o direcionamento dos sentidos que elas promovem para uma dada conclusão são determinados pelas divisões que constituem os espaços de enunciação a partir da inscrição do falante na língua e nas filiações interdiscursivas. Sem referir os enunciados ao acontecimento de sua enunciação e à memória de dizer que atravessa as formulações, não é possível interpretar o movimento argumentativo nem os efeitos de sentido neles produzidos.

Em segundo lugar, apontamos a produtividade de um processo enunciativo de criação lexical, a *delocutividade*, que está na base da aparição das formas linguísticas que analisamos. Este processo, próprio da natureza da linguagem conforme já afirmado por BENVENISTE (1958), é afetado de forma constitutiva pelos processos discursivos tal como se realizam em condições históricas concretas de produção. Com isto queremos retomar aqui as considerações já feitas sobre a inscrição original destas formas no discurso digital e em uma relação determinante com a escrita. Embora as formas *tá serto!* e *só que não!* possam atualmente ser encontradas na oralidade, marcadas por traços fonéticos (prosódia, variantes regionais, entre outros), elas encontram sua origem nas enunciações digitais e sua materialidade está ligada intrinsecamente ao modo de produção e circulação da escrita no ambiente digital; neste sentido podem ser consideradas como formas *nativas do discurso digital*²⁴, ou seja, como materiais produzidos na e para a internet. Mesmo assim, enquanto formas da língua, elas são afetadas pelos processos que participam da construção do léxico e de regularidades do sistema linguístico. A deriva das formas completas *tá serto*, *só que não*, para as formas abreviadas e seu uso como *hashtags* #serto, #sqn, são um traço do processo de inscrição e estabilização destas formas na língua, por efeito da delocutividade enunciativa, que as incorpora às regularidades do sistema

²⁴ PAVEAU (2013), DIAS (2013).

como *indicadores de um modo de dizer irônico*, aproximando-se no seu valor semântico-enunciativo a outros marcadores de modalização. Essa deriva sinaliza, para nós, que, “as relações que se constituem entre discursos movimentam o funcionamento da língua pela enunciação, moldando esse sistema de regularidades”, conforme defende DIAS, L. (2015: 118). Assim, concordamos com este autor quando afirma, desenvolvendo a proposta de GUIMARÃES (1996) em relação à concepção de língua adotada por uma teoria materialista da enunciação, que:

Por ser sistema, entenda-se que há uma ordem de relações que sustenta as unidades que por ela são constituídas. Por sua vez, a concepção de regularidade, diferentemente da concepção de regra, é edificada pela tese segundo a qual aquilo que regula essa ordem de relações não advém de propriedades do corpo de elementos do sistema, mas são *circunscrições de modos de enunciar constituídos na memória do dizer*. (DIAS, L.2015: 118, grifos nossos).

Finalmente, como abertura para trabalhos futuros, levantamos como hipótese que essa deriva delocutiva, que transforma uma predicação – *tá certo* e uma relação coordenativa – *só que não*, em *indicadores de um modo de dizer irônico e operadores de inversão da direção argumentativa*, responde não só a uma necessidade pragmática das práticas de escrita no discurso digital, qual seja, sinalizar graficamente traços da interação face a face que estariam ausentes (como prosódia e gestualidade) e que seriam indispensáveis para a interpretação, mas sinaliza, principalmente, as mudanças históricas sofridas na relação tecnologias-língua-escrita, produzindo efeito nos processos de subjetivação. Que sujeito (falante/internauta) é esse que enuncia e como ele argumenta no entremeio da língua, da história e do discurso digital?

Referências

AUTHIER-REVUZ, J. Le fait autonymique: Langage, langue, discours. Quelques repères. In: AUTHIER-REVUZ, J. et al. *Parler des mots*. Le fait autonymique en discours. Paris: Presses Sorbone Nouvelle, 2003, p. 67-96.

Linha D'Água (Online), São Paulo, v. 29, n. 2, p. 123-155, dez. 2016

BENVENISTE, E. (1958) Os verbos delocutivos. In: *Problemas de lingüística geral I* (1966), Campinas, SP: Pontes/ Editora da UNICAMP, 1991, 3ª edição, p. 306-315.

DIAS, C. P. Sujeito digital: sentidos de um novo paradigma. In: GUIMARÃES, E. Org. *Cidade, Linguagem, Tecnologia: 20 anos de história*. Campinas: Labeurb/Nudecri, 2013, p. 51-64.

DIAS, L. Acontecimento enunciativo e formação sintática. In: *Línguas e instrumentos linguísticos*, vol.35, jan-jun 2015, p. 99-138.

DUCROT, O. (1969) Pressupostos e subentendidos: a hipótese de uma semântica linguística. In: *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987, p. 13-30.

DUCROT, O. (1984). Esboço de uma teoria polifônica da enunciação. In: *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987, p. 161-218.

DUCROT, O. (1987) Argumentação e “topoi” argumentativos. In: Guimarães, E. (org.) *História e sentido na linguagem*. Campinas: Pontes, 1989, p. 13-38.

GARCÍA NEGRONI, M.M. Acerca de los fenómenos de relectura y reinterpretación en el discurso. In: *Revista Iberoamericana Discurso y Sociedad*, v. 2, n. 4, 2000, p. 89-108.

GUIMARÃES, E. *Os limites do sentido*. Campinas: Pontes, 1995.

_____. Enunciação, língua, memória. In: *Revista da ANPOLL*, n.2, 1996, p. 27-33.

_____. *Semântica do acontecimento*. Campinas, SP: Pontes, 2002.

_____. (1987) *Texto e argumentação*. Um estudo de conjunções em português. Campinas: Pontes, 2007.

LONGHIN-THOMAZI, S. *A gramaticalização da perífrase conjuncional ‘só que’*. Tese de doutoramento, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP: [s.n.], 2002.

ORLANDI, E.P. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

_____. *Interpretação*. São Paulo: Vozes, 1996.

Linha D'Água (Online), São Paulo, v. 29, n. 2, p. 123-155, dez. 2016

PAVEAU, M-A. Technodiscursivités natives sur Twitter. Une écologie du discours numérique. In: *Epistémé* (Revue internationale de sciences humaines et sociales appliquées, Séoul), vol 9, 2013, p. 139-176.

PECHEUX, M. (1969) Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F. e HAK, T. (orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da Unicamp, 2ª edição, p. 61-161.

_____. (1975) *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995, 2ª edição.

ZOPPI FONTANA, M. Entre lenguas y discursos: “sí, pero no mucho”. *Revista Tópicos del Seminario*, Puebla: BUAP, 2015, no prelo.

Recebido em: 30/08/2016.

Aprovado em: 11/09/2016.